

NAS PEGADAS DE IRMÃ DULCE

Maria Rita – a sobrinha da freira mais amada do Brasil, que pode ser canonizada em 2014 – faz crescer o hospital e as obras sociais que Irmã Dulce começou num galinheiro

LINA DE ALBUQUERQUE / FOTOS ALEXANDRE SEVERO

Bem-te-vis, rolinhas e sabiás são os primeiros a chegar. Um bando de outros passarinhos se aproxima da varanda de Maria Rita Pontes, a partir das 5h30, horário em que ela desperta para dar frutas, alpiste, água e boas-vindas aos visitantes. Em meio à algararra, alimenta também o papagaio e a cadelinha pinscher que têm morada fixa no ensolarado flat de Ondina, em Salvador. Só depois ela acorda o marido, o italiano Amedeo Solieri, empresário do ramo de cerâmica, com quem divide o café da manhã e a primeira oração do dia.

Maria Rita conheceu Amedeo no momento em que dava uma guinada na vida. Passaram a ser vizinhos de flat quando ela, aos 36 anos, se mudou do Rio de Janeiro para ficar perto de Irmã Dulce, a tia que estava doente e morreu no ano seguinte, 1992. Entenderam-se de imediato; ela e o marido compartilhavam as mesmas crenças. Mas ter fé em Jesus não significava estar pronta para assumir o legado da freira. Coube a Ângelo Calmon de Sá, presidente da fundação criada em torno da religiosa, dar a notícia. Ele lembra que Maria Rita reagiu mal quando a procurou para revelar que Irmã Dulce a escolhera como sucessora e que o desejo estava firmado em testamento. Não cabia nos planos de Maria Rita abandonar o jornalismo, os amigos, os pas-

seios de bicicleta na orla de Copacabana, a rotina carioca. “Ela respondeu que não havia feito voto de castidade nem tinha o menor talento para a missão”, diz Calmon de Sá, que presidia o Banco Econômico na época. “A contragosto, aceitou ficar na superintendência só até acharmos alguém para a tarefa.” Em poucos meses, mostrou que esse “alguém” era ela mesma: a obra social que comanda é, segundo o Ministério da Saúde, um dos maiores centros fi-

lantrópicos do país. “Eu a considero uma Irmã Dulce jovem, com notável capacidade administrativa”, afirma.

Maria Rita lembra hoje de mais uma dificuldade para a mudança. “Não queria deixar minha mãe de criação.” Ela se refere a Rosa, empregada que tomou conta dela por meses, porque a mãe, Dulcinha, enfrentou uma gravidez tubária e ficou em estado grave. Aliás, por medo de perdê-la, a freira fez uma promessa: se Dulcinha, sua irmã, fosse curada, ela dormiria pelo resto da existência numa cadeira de madeira. “Passou as noites sentada nela até que, em 1985, os médicos recomendaram terminar o sacrifício”, conta, mostrando

do a cadeira, no memorial da religiosa. O nome de batismo de Irmã Dulce era Maria Rita – e ele foi trocado, ao entrar no convento, para Dulcinha, numa homenagem à mana. “As duas eram muito próximas. Minha mãe dizia que formavam uma só alma.” Muitas memórias seguem com a sobrinha: “Eu sou fã do Roberto Carlos, como ela.

A FREIRA QUE
TOCAVA ACORDEÃO,
RESPEITAVA O
CANDOMBLÉ,
GOSTAVA DE
CARNAVAL E
FUTEBOL INSPIRA
A SOBRINHA



Na frente de um afresco do italiano Battista Mombrini, no Memorial Irmã Dulce, em Salvador

- 1 A cadeira em que Irmã Dulce dormia após uma promessa.
- 2 Maria Rita, como a tia, faz companhia aos doentes.
- 3 Com a mulher que pode virar santa



Minha tia cantava *Jovens Tardes de Domingo* para mim, tinha uma voz linda”, lembra, enquanto percorre os 15 quilômetros entre seu flat e o Hospital Santo Antônio (o santo de devoção da freira), parte do Complexo Roma, na Cidade Baixa, que tem ainda unidade de tratamento de alcoolistas, centro geriátrico, núcleo de reabilitação para pessoas com necessidades especiais, enfermaria de oncologia – logo será oferecida radioterapia gratuita – e o Hospital da Criança. “As obras tomam conta da minha vida. Não ter filhos foi uma decisão. Vejo em todos os pacientes a manifestação de Jesus, são as minhas crianças.” Muitas vezes, Amedeo peregrina com ela pelos corredores das enfermarias.

O complexo responde por 26% das internações e 31% dos atendimentos ambulatoriais do SUS. Só nesta última modalidade são 2 milhões de pacientes, numa capital de 3,5 milhões de habitantes. Somado à gestão de hospitais públicos em três municípios, o número de beneficiados salta para 4 milhões. “Maria Rita Pontes virou personalidade de grande importância na saúde pública do Nordeste”, garante a médica Tatiana Aguiar, supervisora do programa de residência de ginecologia do hospital-escola. A tarefa dela, no entanto, não é leve como o pouso do sabiá na varanda. O prefeito anterior deixou de repassar recursos e as obras operaram no vermelho. “Mesmo assim, os salários nunca atrasaram”, ressalta Márcia Sampaio, preceptora em clínica médica. “Nessas horas, fico imaginando como Irmã Dulce agiria”, conta Maria Rita. “Ela ia à luta, com uma pastinha debaixo do braço, atrás de contribuições.” Então, a sobrinha saiu à caça de mais doações privadas, o Estado interveio e a situação se normalizou. “Naquele período de provação, tive uma fratura na coluna por culpa do stress.”

Nada comparável ao sofrimento da tia. No começo, ela era humilhada por recolher doentes nas ruas e acomodá-los em casas e nos arcos da Igreja do Bonfim. As autoridades ficavam enfurecidas com a freira, que andava expondo as mazelas da saúde pública. “Finalmente, em 1959, ela conseguiu permissão para cuidar

dos doentes no galinheiro do convento”, lembra a jornalista. É ainda no lugar das poedeiras que se mantém o complexo, conhecido no país todo desde a beatificação de Irmã Dulce, em 2011.

O que parecia um fardo pesadíssimo não assusta mais Maria Rita. “Minha tia repetia que as obras não eram dela, e sim de Deus. E o que é de Deus permanece para sempre.” Com esse pensamento, ela conquistou o respeito dos fiéis – sem precisar vestir o véu e a veste. “Também não

abri mão da academia de ginástica nem da cervejinha gelada”, afirma. É sempre discreta sem se deixar abafar pelo conservadorismo. Até nisso segue as pegadas da tia. “Irmã Dulce era integrada às tradições do sincretismo religioso baiano. Respeitava a crença dos outros”, recorda. “Mãe Menininha, ialorixá do Terreiro do Gantois, ligava para ela à noite e pedia para atender seus seguidores. Eles chegavam com suas contas (*colares de miçangas do candomblé*), ela os guardava com carinho e devolvia na alta



médica.” A religiosa tocava acordeão, mas só para os íntimos, torcia apaixonadamente para o time de futebol Ypiranga e era fã em particular do jogador Apolinário Santana, o Popó, ídolo nos anos 1930. No dia da Lavagem do Bonfim, esperava o cortejo do afoxé carnavalesco Filhos de Gandhi passar na frente do hospital. “É bonito mesmo, não perco esse espetáculo”, diz a sobrinha.

A freira dos pobres foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz em 1988. O milagre que a converteu em primeira beata baiana diz respeito à sergipana Cláudia Santos Araújo, que sofreu uma hemorragia após o parto. O obstetra Antonio Cardoso, exausto na tentativa de reanimá-la, ouviu uma voz que o fez continuar lutando por 20 horas, até salvá-la. O centenário de nascimento da religiosa será celebrado em 2014, quando o Vaticano pode decidir pela sua canonização. “Amedeo tem ajudado muito com as traduções para o italiano dos documentos que enviamos para Roma”, diz. Para virar santa, um novo milagre deve ser comprovado. Estudiosos da causa creem, no entanto, que o maior milagre é a multiplicação do complexo hospitalar.

Convidada para muitos compromissos sociais – afinal, as obras também dependem deles –, Maria Rita só perde os que se realizam à noite. Não falta, porém, aos eventos durante o dia. Tem uma energia invejável desde os primeiros sinais sonoros das rolinhas, sabiás e bem-te-vis. ●